



**INSTITUTO DAS FILHAS DO DIVINO ZELO**  
**Província Nossa Senhora do Rogate**

Enviai, Senhor, apóstolos santos  
 à vossa Igreja.

**COMUNIDADES ORANTES E FRATERNAS**  
*TODOS PERSEVERAVAM UNÂNIMES NA ORAÇÃO,*  
*JUNTAMENTE COM MARIA, A MÃE DE JESUS (CF. AT 1, 14)*

**1. NOSSO PERCURSO**

O Instituto provém de uma rica história carismática. Na sua origem, está presente a ação de Deus que, no seu Espírito, chamou Santo Aníbal Maria para seguir de perto a Cristo, traduzir o Evangelho numa forma particular de vida, isto é, o Rogate, ler com os olhos da fé os sinais dos tempos e responder criativamente às necessidades da Igreja. Depois a experiência dos inícios cresceu e desenvolveu-se, a pequena caravana foi sendo constituída pela Misericórdia do Senhor e pela presença Materna da Virgem Santíssima, tocando outros membros em novos contextos geográficos e culturais, dando vida a modos novos de implementar o carisma, a novas iniciativas e expressões de caridade apostólica. É como a semente que se torna árvore alargando os seus ramos.<sup>1</sup>

Nossa Província, pautada pelo VII Capítulo Provincial, com o tema “Humanização: fonte de alegria, mística e profecia”, e o lema “Conservem entre vocês um grande amor” (cf. 1Pd 4,7-11), foi agraciada por um tempo aprofundado de oração, reflexão e ação, acerca do processo de conformação à Cristo pela santificação de nossa humanidade. Agora, queremos avaliar o caminho, para continuarmos abertas às Graças que o Senhor quer derramar abundantemente sobre nós.

Convidadas a acolher o caminho espiritual como fonte primária de nosso processo de humanização e base para comunidades sempre mais fraternas, pensemos em quantos falsos modelos de espiritualidade nos circundam. Já paramos para perceber quantas correntes de autoajuda e de “pensamento positivo” apresentam modelos de um “bem-viver humano”, saudável e equilibrado, com propostas existenciais positivas e politicamente corretas, mas que em nada se vinculam à radicalidade e abnegação da vida cristã? Tais influências, quando começam a ocupar espaço em nossas comunidades, podem favorecer a formação de religiosas que, ao invés de abraçarem ardorosamente a vida cristã, passam a abrandar a verdadeira razão da Consagração, isto é, o seguimento de Cristo Crucificado-Ressuscitado.

Nesse processo, tanto a formação intelectual, quanto a humana são importantes; porém, sem uma sólida coluna espiritual e sobrenatural, a Vida Consagrada arriscaria ser apenas um “melhoramento privado ou coletivo” na busca do amor próprio, satisfação pessoal, ambições temporais e personalistas, em atividade sem referência constante à vontade de Deus. Isso não convém na vida de quem quer oferecer, por amor, tudo quanto

<sup>1</sup> Cf. FRANCISCO, Carta apostólica às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada, n. 1.

faz ou produz, e se consagrar totalmente a Cristo. Também aqui a Virgem Santíssima é nossa Mestre: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”. Tudo mesmo, e não apenas aquilo com o que se concorda no momento. Precisamos, no caminho da espiritualidade, junto à formação humana, intelectual e pastoral, de um vigoroso impulso na busca de uma grande humildade, pureza de coração, fé praticada, esperança e cuidado partilhado por aquilo que é comum, no amor ao próximo **por amor a Deus**.

Desde os primórdios de nosso Instituto, nosso Padre Fundador nos confiou aos cuidados da Virgem Santíssima. Com Ela, que é a “Identidade Especial de nosso Instituto”<sup>2</sup>, vamos percorrer alguns aspectos de nossa Vida Espiritual, e envolvidas por sua Humildade, agradecer a Deus por sua Misericórdia (cf. Sl 117,2), pedir perdão por nossas faltas, e nos propor a uma permanente conversão (cf. Mc 1,15), em busca de nossa santificação (cf. 1Pd 1,15-16) e a santificação de todos aqueles e aquelas que o Senhor nos confiar. Direcionaremos nosso olhar à três aspectos de nossa espiritualidade, que poderão nos remeter a todas as práticas espirituais que nos alimentam e formam nossa identidade FDZ: cristocêntrica, mariana e rogacionista. Na sequência, apresentaremos o Coração de Cristo como princípio e fim do “SER FDZ”.

## **2. COMO MARIA-MARTA, PERMANEÇAMOS NO CORAÇÃO DE JESUS**

Deter-se como Maria aos pés de Jesus, para contemplar o seu Rosto e escutá-Lo, é premissa indispensável para o apostolado. A exclamação de Pedro, “Senhor, é bom para nós ficarmos aqui” (Mt 17,4), é também a exclamação de Maria. Eis o que nos diz Santo Aníbal Maria, ao escrever nossas Constituições, em 08 de agosto de 1911: “O fim das Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus é a própria santificação e fazer-se, o máximo possível, útil para o bem dos outros, auxiliadas pela Graça Divina e pela boa vontade. Tem pois, um fim todo especial, isto é: penetrar no Lado Santíssimo de Jesus, viver dentro daquele Coração Divino, sentir seu Amor, esposar todos os seus interesses, compartilhar todas as suas penas, participar do seu sacrifício, consolar aquele Divino Coração com a própria santificação e conquistando-lhe almas, especialmente com a obediência àquele Divino Mandamento saído do Divino Zelo do Coração de Jesus quando disse: ‘A messe é grande, mas os operários são poucos. Pedi ao Senhor da messe, para que mande operários para a sua messe’. Tudo isso farão com os exercícios de Maria e de Marta, isto é, da vida interior e da vida ativa”.<sup>3</sup>

Este é o primeiro Capítulo da Regra de Vida escrita por nosso Santo Fundador. As Constituições foram desenvolvidas em outros dois Capítulos. O segundo com o título “Vida Interior” (Maria); e o terceiro “Vida Ativa” (Marta)<sup>4</sup>. Ao indicar o Caminho que conduz à santidade, o Padre coloca em primeiro lugar a atividade de Maria e depois a de Marta. A vida contemplativa não é separável da vida ativa, no entanto, a vida interior é a premissa para a vida apostólica. Nisso é fiel ao que disse Jesus referindo-se a Marta: “Uma só coisa é necessária e Maria escolheu a melhor parte” (cf. Lc 10,42). Firmemos a nossa atenção sobre esta página evangélica que fecha o décimo capítulo de Lucas (o mesmo capítulo que

<sup>2</sup> DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 44, p. 113.

<sup>3</sup> DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 2., p. 165.

<sup>4</sup> Cf. DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 2, p. 165ss.

se abre com o mandamento do Rogate). Estamos na mesma lógica da períclope rogacionista. Quando Jesus vê as multidões desamparadas e cansadas, como ovelhas sem pastor, move os discípulos, e move também a nós, porque não ordena que façamos, não indica a vida ativa, mas comanda o Rogate!

Marta e Maria são nossas Coirmãs, ambas, de fato, são Celestes Filhas do Divino Zelo. Não é possível identificar-se com uma virando as costas para a outra, são gêmeas, são a mesma carne. Podemos dizer que são irmãs siamesas. Estamos diante de duas formas diversas da mesma compaixão. A casa de Betânia é muito semelhante à nossa casa: ao centro está o Senhor, que ouvimos e servimos. O Senhor, primeiramente é amado, e também o é em todos os serviços, amor que se expressa na oração e na caridade. Deus e o próximo! Cristo no próximo e o próximo em Cristo! Quando rezo encontro Cristo e nEle encontro o próximo. Quando estamos empenhadas nos serviços que a missão nos pede, encontramos o próximo e nele Cristo, aquEle que é o Emanuel, Deus conosco. Este é o caminho da santidade indicado pelas nossas Constituições, por nosso Carisma.<sup>5</sup>

Permanecer no Coração de Jesus, tomar para nós seus sentimentos e seu destino, nos conduz a uma vida de testemunho, de *matirya*, de união completa à sua Vida-Morte-Ressurreição. Ele nos faz esposas amantes e a cada dia mais fieis, comprometidas em amenizar as dores de seu Sacratíssimo Coração, com a doação de todo o Amor que Ele próprio coloca em nossos corações. Por meio dessa íntima união, onde podemos afirmar com São Paulo, “já não sou eu quem vivo, mas Cristo que vive em mim” (cf. Gl 2,20), o Esposo Fiel ama cada membro de sua Igreja por nossa vida e missão. Somos convidadas, desde os primórdios de nosso Instituto, ao cuidado extremo com a vida de oração, com a dimensão contemplativa de nossa consagração, para que nosso serviço seja sempre fruto do amor ao Coração daquEle que primeiro nos amou.

Se não cuidamos de nós mesmas, da qualidade de nossa vida de oração, em pouco tempo, começamos de maneira bem elaborada a teorizar sobre o que se entende por oração. São nossas atitudes concretas que visibilizam nosso caminho espiritual. Será na vivência sacramental, comunitária, apostólica, etc, que manifestaremos nossa intimidade com o Senhor. A santificação de nosso Instituto, conforme desejou nosso Santo Fundador, passa por cada uma de nós. A FDZ precisa ter um coração muito especial, capaz de acolher as aflições do Coração de Jesus, capaz de cuidar de suas dores, de confortar o Senhor Crucificado pelos nossos pecados e do mundo inteiro, de sentir horror diante da ideia de sequer desejar ofendê-Lo.

Se uma consagrada não sabe cuidar do dom que recebeu, se trata o Coração Santíssimo de Jesus com impiedade, se não reconhece a sua dignidade ou não zela por ela em suas escolhas de vida, se se arrepende de seus erros mas levemente e não luta para consolidar mudanças interiores, se não consegue fazer nada que não seja por amor próprio ou vaidade, e não nutre uma gratidão profunda pela misericórdia de Deus, como ela saberá cuidar de seus irmãos e irmãs com reta intenção e verdadeira caridade, ou como será possível viver o amor ao próximo como ensina Jesus? Jesus procura por esposas, por consagradas, que tenham um coração capaz de acolher a Sua intimidade, por isso, a missa diária, a adoração eucarística comunitária ao menos semanalmente e a confissão regular,

---

<sup>5</sup> Cf. ZAMPERINE, A., *Marta e Maria*, p. 1.

são necessidades urgentes na vida de nosso Instituto, porque nestes momentos, amparados pela Virgem Santíssima, formam-se as verdadeiras esposas de Nosso Senhor.

Em nosso caminho espiritual, a Santa Missa é o cume de toda a vida litúrgica da Igreja e tem um papel central na vida da consagrada FDZ, porque nela se renova o sacrifício e morte de Nosso Senhor na Cruz, o ato máximo do martírio Redentor do Filho de Deus. É neste “martírio/testemunho” que somos chamados a somar nossas vidas, unidas à oferta de Cristo. Ele mesmo nos chamou, por meio da Igreja, a sermos suas esposas, suas confidentes e mensageiras, e para tão exigente compromisso nós respondemos “sim”; respondemos que realmente queremos ser suas esposas e, por meio da Igreja, a nossa resposta foi acolhida e confirmada como dom para a salvação dos homens por meio de nossa consagração. A Santa Missa é o ponto de contato entre céu e terra, e por ela se opera a máxima comunhão de toda a Igreja, no céu, na terra e no purgatório. É ali, junto ao Esposo, na memória de seu sacrifício redentor, que somos confirmadas na graça de permanecermos em seu Coração e dEle partirmos em missão.

Aquela que não consegue reconhecer seus pecados para ter uma confiança profunda com Jesus, que não consegue declarar seu amor a Jesus, que não fala para Ele sobre as suas batalhas para vencer as inclinações de sua humanidade ainda imperfeita e resistente à ação do Espírito Santo, que não confia a Jesus as imperfeições de seus irmãos e não pede para Ele a coragem e a força necessárias para testemunhar um amor capaz de corrigir o imperfeito, de superar a dor e de vencer o ódio e a vingança, como poderá levar adiante por toda a vida a Consagração? De que modo será vivida essa Vocação? Como conseguirá se lançar inteiramente nas mãos do Senhor sem bloquear-se, ou desertar quando provar a solidão e outras agruras; sem rebelar-se ou desesperar-se quando provar a frustração; sem tornar-se arrogante quando estiver à frente de seu apostolado, pensando-se dona da vinha e da verdade? A confissão das próprias fraquezas se torna o lugar da intimidade, onde o nosso coração se debruça com todas as dores de sua fragilidade e traições diante do Coração Misericordioso de Jesus para falar dos seus pecados, que se amontoam naquela chama forte de amor que pede mais espaço dentro de nós sob o firme propósito de não querer mais ofendê-lo.<sup>6</sup>

O ato de adoração eucarística, que na vida da FDZ não pode jamais ser uma prática meramente formal, mas a expressão de um coração consagrado que se reorienta, livremente a sair de si para adorar a Deus Criador e infinitamente transcendente. O temor de Deus a levará a emendar-se, a corrigir seus vícios pessoais e a combater as tendências deste nosso tempo que tende à idolatrias e “adoração” a si mesmo, centrada no conforto/sossego de uma vida sem *stress*. Declarando que Cristo, Senhor e Cordeiro Imolado, é o centro de sua vida e a fonte do amor que move sua consagração, sua vida comunitária e apostólica, conseguirá, amar verdadeiramente a Cristo e aos outros pelo amor ao mesmo Cristo e Senhor! Precisamos compreender e aceitar que as mudanças mais fortes na vida nascem quando, dentro de nós, acontece o despertar de um amor de tal forma apaixonado e habitual pelo Senhor Jesus que não reste outro desejo senão aquele de vê-Lo amado e honrado por si e por todos. Necessitamos de ajuda para tomar nas mãos a nossa

---

<sup>6</sup> Cf. ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL II, Dimensão Espiritual nos Seminários: Os Sacramentos da Eucaristia e da Penitência, Disponível em: <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/notizie/new51.html>, Consultado em: 21.01.2018.

impotência de amar a Jesus como Ele merece ser amado, esperando dEle próprio, diante da Eucaristia, essa divina graça.

***Para refletir, responder e compartilhar:***

1. O que significa para mim “penetrar o Coração de Jesus e esposar todos os seus sentimentos”? Como vivo concretamente esse aspecto da espiritualidade FDZ?
2. Como me vejo na missão de ser “Maria-Marta” na vivência de minha consagração? Como percebo que minha vida espiritual, minha intimidade com o Senhor, gera os frutos de meu apostolado?
3. Quais aspectos dessa dimensão da espiritualidade FDZ posso fortalecer pessoalmente para o crescimento de nossa Província? E quais podemos fortalecer em comunidade?

Nesse percurso, não poucas vezes falhamos em nossa missão de santificação e nos distanciamos do Coração Santíssimo do Senhor. Precisamos de auxílios para esse caminho, e disso bem sabia nosso Santo Fundador, que desde o princípio nos apresentou a Virgem Santíssima como caminho seguro de santificação. Vamos agora nos encontrar com nossa Santíssima Mãe, sustento e pilar de nossa vida espiritual.

### **3. O AMOR A MARIA É A CHAMA DE AMOR QUE FORMA OS SANTOS<sup>7</sup>**

A devoção a Virgem Santíssima é um forte pilar de nossa Consagração, é uma das características essenciais de nossa espiritualidade e que merece muita atenção. A devoção a Santíssima Virgem Maria nos ajuda a viver com maior profundidade e riqueza tudo aquilo que compõe os demais pilares da espiritualidade FDZ. Falar da Virgem Santíssima é, para nós Filhas do Divino Zelo, falar de um caminho seguro de santidade<sup>8</sup> e fidelidade ao Carisma. Assim falava o nosso Fundador: “Amando e servindo esta grande Mãe, e não de outra maneira, se pode chegar a conhecer, amar e possuir com união de caridade o Sumo Bem Jesus Senhor Nosso, o qual deve formar o nosso último e supremo fim. Mas não encontrará Jesus quem não busca Maria, e quem busca Maria encontrará Jesus [...] Amai a Santíssima Virgem com grande amor, porque assim crescereis em toda a virtude e sereis todas de Nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>9</sup> O amor à Santíssima Virgem é a carteira de identidade especial do nosso Instituto.<sup>10</sup>

Segundo Santo Aníbal, Maria não é apenas aquela que abre a porta da graça de Deus para nós FDZ, Ela é também a própria porta da graça.<sup>11</sup> Inumeráveis escritos de nosso Fundador nos fazem perceber que o seu amor à Santíssima Mãe é fundamental no seu caminho espiritual. Tudo confia a Ela<sup>12</sup>, dEla se faz escravo de amor<sup>13</sup> e por seu Imaculado Coração chega ao Coração Santíssimo de Jesus, pois, o Senhor pousou seu olhar sobre a humildade de sua Serva (cf. Lc 1,48) e pelo seu *Fiat*, as portas do céu se abriram

<sup>7</sup> DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 45, p. 160.

<sup>8</sup> DI FRANCIA, *Scritti*, v. 34, p. 219.

<sup>9</sup> DI FRANCIA, *Scritti*, v. 34, p. 219.

<sup>10</sup> TUSINO, *L'anima del Padre*, p. 315-319.

<sup>11</sup> DI FRANCIA, *Scritti*, NI, v. 8, p. 4.

<sup>12</sup> DI FRANCIA, *Scritti*, v. 7, p. 4.39.45.51

<sup>13</sup> Cf. TUSINO, *L'anima del Padre*, p. 323-333.

novamente à toda a humanidade. A Virgem humilde de Nazaré, no silêncio do seu Coração e das suas ações, gerou no seu seio Jesus, salvação da humanidade, o educou, o ensinou a ser humano, a ser homem. É esta Mãe, que no silêncio e na humildade, permanece a rezar por cada uma de nós, a pedir ao seu Filho que envie os operários à sua Messe e que suscite vocações para o nosso Instituto. A Mãe, à qual quis submeter-se, o Filho escuta, e não deixa faltar o necessário para que as núpcias sejam alegres, plenas de sentido, plenas de Deus (cf. Jo 2,1-11). Escutemos o nosso Fundador: “A primeira operária evangélica foi precisamente a Santíssima Virgem, que durante toda a sua vida trabalhou no místico campo da Fé, e coroou a sua divina missão e tudo fez para que o Evangelho fosse pregado no mundo, e as almas todas fossem salvas. Maria SS. não cessou e não cessará de rezar para obter para a Santa Igreja o inestimável tesouro dos bons operários evangélicos, assim não cessa e não cessará de rezar para obter as boas operárias evangélicas [para nosso Instituto]”.<sup>14</sup>

O nosso Instituto foi confiado a Virgem Mãe desde o início. A pequena caravana não vai sozinha. Tem uma Mãe que a conduz nos braços. Podemos com Ela cantar de geração em geração: “A minh’alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu salvador” (cf. Lc 1,46). Hoje cantamos porque Deus em sua imensa benevolência nos deu tal Mãe. Uma Mãe Santa, Compassiva, Terna, plena da Fortaleza do Espírito Santo. Ela, como a *Estrela do Mar*, conduz cada uma de nós ao Sol Nascente, Jesus Cristo. Partindo do seu Imaculado Coração, Ela guia a nossa inteligência e a nossa vontade, a nossa sensibilidade e as nossas decisões em direção ao Sagrado Coração de Jesus.<sup>15</sup> O Coração de Maria está intimamente unido ao Coração Santíssimo do seu Divino Filho. Ninguém melhor que Ela para escutar cada suspiro de amor e sofrimento deste Divino Coração diante da Messe cansada e abatida e assumir, viver e fazer viver a vontade de Deus expressa no mandamento do Rogate. Verdadeiramente é por meio da Virgem Maria que o Senhor veio ao mundo e é também por meio dEla que dever reinar no mundo<sup>16</sup>.

Para o nosso Padre, Maria Santíssima é aquela que está intimamente unida a Cristo, a Palavra feito Carne: “[...] Mas se eu olho aquele Coração Imaculado, eu vejo esculpido em cifra de ouro todas as palavras pronunciadas por N.S.J.C. e vejo quanto é verdadeiro o dito de São Lucas Evangelista: Maria conservava todas estas palavras meditando-as em seu Coração”<sup>17</sup>. Esta Bela Mãe, Aqueduto<sup>18</sup> da Graça de Deus sobre nós, conservava no seu Coração a Palavra de Deus. Por isso, podemos dizer que conservava com grande amor o Rogate. Santo Aníbal, assim nos fala: “[...] não é possível que no seu Coração Imaculado não se encontrem impressas com letras celestiais aquelas palavras saídas do Divino Zelo do Coração de Jesus: ‘*Rogate ergo Dominum Messis, ut mittat Operarios in messem suam*’. Sim, Maria SS. recolheu no seu Imaculado Coração este Divino mandamento, e o executou. Dirigindo o seu olhar sobre a aflita humanidade, via todos os povos do mundo como uma grande messe abandonada; sentia a grande necessidade dos místicos agricultores neste

<sup>14</sup> DI FRANCIA, M. A., *Scritti*, Sermoncini 1º Luglio, v. 54, p. 105.

<sup>15</sup> Cf. WONG, J.C.P., *A devoção do sacerdote a Virgem Maria*, Esp.e Sacerdotal, Caderno de Estudos 1, p. 2.

<sup>16</sup> Cf. MONFORT, L. M. G., *La vera devozione*, n. 1.

<sup>17</sup> DI FRANCIA, M. A., *Scritti*, Sermoncini 1º Luglio, v. 54, p. 103.

<sup>18</sup> SAN BERNARDO, C., *Sermoni per le feste della Madonna*, p. 119ss.

imenso campo, e não podia deixar de recordar-se das palavras de Jesus Cristo Nosso Senhor: *Rogate ergo ecc. ... suam.*<sup>19</sup>

Para nós FDZ esta Palavra se faz concreta no mandamento do Rogate. Certamente não somos nós a fazer frutificar esta Palavra, mas o próprio Deus. É Ele o *Kyrios*, é Ele que faz maravilhas de geração em geração por sua misericórdia (cf. Lc 1,50), é o seu braço que sustenta todo o bem que possamos viver em meio àqueles que Ele nos confia. Com nossa Mãe aprendamos a escutar e conservar no coração esta Palavra confiada a nós pelo Senhor. Com Ela aprendamos a entregar a nossa vida por esta Palavra e permitir que a mesma se faça Carne entre as multidões de todos os tempos. Acolher o Rogate segundo o testemunho de nossa Santíssima Mãe, é compreender que Deus é o Senhor de nossa história, que o Espírito é a fecundidade de cada *Fiat* e que somente Jesus é o verdadeiro fruto que podemos oferecer ao mundo.

“Maria Imaculada é o nosso modelo de consagração virginal e de dedicação total ao Senhor. Ela, Mãe da Igreja, que acreditou no cumprimento da palavra do Senhor e guardou e viveu o divino mandamento do Rogate, nos convida a cumprir fielmente a palavra que o Filho nos confiou”<sup>20</sup>. Peçamos continuamente que esta Santa Mãe nos traga Jesus e que pelos seus méritos, também nós possamos levar ao mundo o Cristo do Rogate. Que o façamos humildemente, como a lua que, na noite, resplandece a Luz do Sol, pois, assim é Maria: “Bela e doce como a lua, que recebe a Luz do Sol e a tempera para torná-la adequada ao nosso débil alcance”<sup>21</sup>. Como Mãe de ternura, Maria sabe aproximar e manter unido o coração daquelas que lhe foram confiadas como filhas ao Coração de seu amado Filho. Ela é Aquela que instrui cada FDZ a “fazer tudo o que Ele disser”. Irmãs, como podemos ser consagradas FDZ, aliás, como podemos ser católicas, sem sermos verdadeiras devotas da Virgem Maria? Como pensar em formar as novas vocações sem ensinar-lhes estas coisas, sem ajudá-las a serem “modeladas na forma de Maria”, como diria São Luís Grignon de Montfort?

Para as marcas que trazemos em nossa história, não há nada de mais consolador e reconfortante do que descobrir que temos uma Mãe que nos ama; que nos momentos difíceis, nos confortará, na solidão será uma presença, nas dores será o nosso abraço, nas horas de medo nos tomará pelas mãos. Sob o amparo desta Mãe espiritual, poderemos também visitar todas as passagens anteriores de nossa vida para conseguir oferecer o perdão onde for preciso, redescobrir a alegria quando for necessário e declarar a vitória de Deus sobre as dores “de morte” que experimentamos em nossas perdas e feridas. É sob o patrocínio amoroso desta Mãe que seremos formadas, curadas, instruídas, corrigidas, e, finalmente, modeladas e configuradas a Cristo Senhor. Ela é a primeiríssima discípula de Seu Filho e modelo sobre todos os modelos da perfeita configuração a Cristo Jesus.

Maria, como Mãe espiritual, por seu exemplo e pela sua assistência, ilumina e ajuda a orientar a vida de cada FDZ, é referência concreta para a prática das virtudes, também as teológicas, além da humildade e da pureza de coração e do corpo. Ninguém como Ela para nos ensinar a amar Jesus como convém ao Coração do Pai. Como a Mãe de Jesus não amaria com um amor especial àquelas que Seu próprio Filho chamou pelo nome para se

<sup>19</sup> DI FRANCIA, M. A., *Scritti*, Sermoncini 1° Luglio, v. 54, p. 104.

<sup>20</sup> FIGLIE DEL DIVINO ZELO, *Costituzioni*, n. 12.

<sup>21</sup> MONFORT, L. M. G., *La vera devozione*, n. 85.

unirem a Ele de uma maneira única, por meio da Consagração da própria vida? Nossa Senhora zela constantemente pela santificação de cada consagrada, para que o coração daquelas que se unirão ao Coração de seu Filho sejam dignamente mais semelhantes a Ele. Maria quer ajudar cada FDZ a crescer em virtude, no amor e no cuidado por seu Filho Jesus, e, depois, por Ele e para Ele, no amor e no cuidado pelos filhos “gerados” da Igreja.

Seria pretensioso de nossa parte acreditar que saberemos por nós mesmas amar a Jesus como Ele merece ser amado. Porque, então, não pedir confiantemente a ajuda de nossa Mãe do Céu para esta tarefa, como crianças que diante de um desafio árduo, mas tão desejado, logo chamam por sua Mãe para as ajudar, sem complicações e com simplicidade? Por isso, que seja o Santo Terço uma das orações diárias na vida da FDZ e das formandas. Ninguém melhor do que Ela deseja ver Jesus sendo amado como Ele realmente merece ser amado.<sup>22</sup>

***Para refletir, responder e compartilhar:***

1. Quem é Maria Santíssima em minha vida? Que incidência tem Ela em minha espiritualidade pessoal e minha vivência comunitária?
2. Quais virtudes de Maria Santíssima estão em meu coração? Como estas virtudes conduzem minha vida, meu ser FDZ?
3. Quais aspectos dessa dimensão da espiritualidade FDZ posso fortalecer pessoalmente para o crescimento de nossa Província? E quais podemos fortalecer em comunidade?

Com a Senhora do Rogate, adentremos agora ao mandamento do Coração Santíssimo do Senhor, que conduz a nossa forma de viver como FDZ.

#### **4. ROGATE, O MANDAMENTO DO CORAÇÃO SANTÍSSIMO**

Um dos tantos tesouros que a FDZ recebe como herança carismática é a possibilidade do assíduo contato com a Palavra de Deus. O carisma de nossa família religiosa provém da Sagrada Escritura. A intuição que Santo Aníbal Maria recebeu do Espírito Santo confirmou-se e fortaleceu-se nas páginas do Santo Evangelho. Assim como para Santo Ambrósio, aquele que rezar os Salmos, “*encontrará o especial remédio para as chagas de suas paixões*”, para nosso Fundador a leitura e oração da Sagrada Escritura trouxe não só a ele, mas à toda humanidade, o infalível remédio proveniente do Coração Compassivo do Senhor: “Rogate ergo...”.

O caminho da FDZ deve ser marcado por uma progressiva configuração interior a Cristo que se dá à luz da Palavra de Deus e por meio dela. Deus inspira as palavras humanas até que estas sejam também palavra divina, que esteja em nossa boca sendo o louvor agradável a Ele: “O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração..., porque a boca fala daquilo que o coração está cheio” (Lc 6, 45). Em termos carismáticos, podemos dizer que, precisamos de intimidade com o Coração Santíssimo de Jesus, para

<sup>22</sup> Cf. ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL I, Dimensão Espiritual nos Seminários: a Devoção a Virgem Santíssima, Disponível em: <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/notizie/new51.html>, Consultado em: 21.01.2018.



fazermos nosso o seu amor pela messe sofrida, amor esse que provém do próprio Cristo. Como consagradas a Ele somos chamadas a viver de toda a Palavra que procede da boca de Deus (cf. Dt 8, 3), a viver o Rogate a partir de uma experiência íntima com o Senhor.

A Palavra é proclamada pelos nossos lábios, tendo sido antes germinada em nosso coração. Como diz a oração da bênção que o diácono recebe antes da leitura do Evangelho: “*O Senhor esteja em teu coração e em teus lábios para que tu possas anunciar dignamente o seu Santo Evangelho*”, ou seja, primeiro deve estar no coração para depois estar nos lábios! O Rogate, primeiro no coração, depois nos lábios, com a força eficaz proveniente da intimidade com o Senhor da Messe. A FDZ é aquela que traz consigo, no coração, a Palavra, o Rogate. A partir deste momento, não é a regra que a sustenta, esta apenas a ampara, porque já conseguiu fazer desta Palavra o tesouro do seu coração. A regra cumpriu seu papel: ajudou-a a colocar a Palavra de Deus, em especial o “*Rogate ergo*”, no lugar que ela deve ocupar em sua vida, ou seja, dentro de seu coração, no centro de suas decisões, do seu sentir, do seu pensar e do seu agir.

Os Padres da Igreja e os autores do período da patrística, como São Basílio, Santo Atanásio, João Cassiano, Orígenes, dentre outros, instruíam os monges e os cristãos em geral a modelarem a própria vida a partir da Palavra de Deus, por meio do assíduo exercício da leitura e/ou escuta e da oração. Para eles não havia a mínima dúvida de que a abertura pessoal e participativa à ação santificante de Deus na vida dos homens passava pela escuta e leitura atenta da Palavra, onde progressivamente o leitor iria aprender a esvaziar-se de si mesmo para permanecer apenas com o próprio Senhor, sua única herança (cf. Sl 16, 5). Para nós essa intimidade com a Palavra precisa ter um viés específico, isto é, o Rogate. Toda nossa formação, seja ela humano-espiritual ou acadêmica, precisa evocar o carisma como princípio, meio e fim de nossa identidade específica de seguimento de Cristo. É inquietante constatar que, muitas de nós, depois de tantos anos de consagração, ainda não conseguimos aprofundar nossa intimidade com o carisma e temos muitas dificuldades em traduzi-lo em palavras ou até mesmo em atitudes na vida de oração, nos estudos e nas atividades apostólicas.

A Sagrada Escritura oferece uma riqueza instrutiva e formativa incomparável para aqueles que, com reta intenção, querem adentrar a uma maior intimidade com Deus, onde o Senhor nos fale face a face (cf. Jó 38,2) e onde aprendemos a amá-lo como filhas (cf. Lc 11,1ss). Com insistência, tenacidade, obediência e fé, toda aquela que quiser seguir o caminho de consagração ao Senhor deverá passar por este “cadinho” de purificação que é a Palavra de Deus, onde o ouro, que é a sua própria vida, torna-se completamente modelável para poder adquirir, pelas Mãos de Deus, a forma desejada por Ele.

A FDZ se caracteriza pela sua grande docilidade à inspiração divina. Nosso Senhor reservou esse tesouro de seu Coração para nós. Santo Aníbal Maria nos deixou evidente esta graça quando disse: “Aquela palavra, Rogate ergo..., estava ali no livro do Santo Evangelho, registrada por dois evangelistas. Milhares de ordens e congregações religiosas exploraram santamente este livro divino, apropriando-se, quem de um versículo, quem de outro; [...] quem de um mandamento, quem de um conselho; mas, como se Nosso Senhor Jesus Cristo houvesse colocado sua divina mão, para esconder aquela sublime palavra, aquele divino mandamento, ninguém o notou, até que, às mais miseráveis entre suas criaturas o adorável Redentor a revelou, a apontou, a introduziu aos seus ouvidos, a gravou

nos seus corações, a colocou em seus lábios e a colocou em seus peitos, junto ao seu Coração ferido e flamejante.”<sup>23</sup>

Somos guardiãs deste tesouro e dele precisaremos prestar contas ao Senhor, pois o recebemos como o “Talento” a ser multiplicado e devolvido em nosso encontro definitivo com o bondoso Esposo. Santo Aníbal Maria nos adverte acerca do não cumprimento dessa missão: “Filhinhos é grande o tesouro que nos foi confiado! Mas devemos temer que nos seja tirado, se não correspondermos com a observância da vida religiosa. Chegou o tempo em que a palavra do Rogate precisa ser conhecida, em que essa ordem deve ser difundida. Deus inefável nos incumbiu dessa missão. Mas ela perecerá em nossas mãos, se não nos formarmos para a vida religiosa. O que disse? Perecerá? Pereceremos nós! Ela vencerá! Deus tirará de nossas mãos o talento precioso para dá-lo a outros, e ‘arrendará a sua vinha a outros lavradores, que lhe pagarão o produto em seu tempo’ (Mt 21,41). [...] como pensar em tamanha desventura sem sentir dor? Não nos tornemos indignos de tão inefável misericórdia. Não bastará fazer propaganda e formar a Pia União, se por dentro não pertencermos inteiramente a Jesus, se não formarmos um comunidade praticante, uma comunidade que com o exercício dos votos, das virtudes, torne-se caríssima aos Corações de Jesus e de Maria! De nada nos servirá escrever, imprimir e zelar, se não formos homens de oração, mortificados, desapegados, verdadeiros amantes de Jesus e de Maria, amantes da Cruz, amantes do sacrifício, comedidos nas palavras, obedientes, praticantes, homens de vida interior! Então Deus abençoará o pequenino germe e as vocações virão. Renovemo-nos e esforcemo-nos.”<sup>24</sup>

***Para refletir, responder e compartilhar:***

1. Para mim, o que é o Rogate, como o apresentaria a uma jovem que busca conhecer o carisma do Instituto? Como o vivo na comunidade e na Igreja?
2. O que preciso ressignificar em minha vida pessoal e comunitária para que o Rogate seja ainda mais transparente em minha espiritualidade e apostolado?
3. Quais aspectos dessa dimensão da espiritualidade FDZ posso fortalecer pessoalmente para o crescimento de nossa Província? E quais podemos fortalecer em comunidade?

O zelo pelo Rogate é o zelo pelos interesses do Coração Santíssimo de Jesus, é nossa missão junto a messe, é nossa maneira específica de glorificar a Deus e colaborar com sua ação redentora em meio à humanidade. Negligenciar tal missão é causar uma grande dor ao Coração de Jesus, é deixar de cuidar das chagas abertas em seu Corpo Místico, a Igreja. Confiemos a Virgem Santíssima e aos nossos santos protetores a prece por uma fidelidade sempre maior ao amor que Cristo depositou em cada uma. Em comunidade, fortaleçamos nossa consagração.

## **5. COMUNIDADES FRATERNAS**

O último tópico de nossa reflexão está direcionado para a vida fraterna. Não por acaso escolhemos este tema para concluir este tempo de estudos e oração. A boa edificação da

<sup>23</sup> T. TUSINO, *L'anima del Padre*, pp. 144-145.

<sup>24</sup> DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, N.I., v. 6, p. 90, In: *L'Anima del Padre*, p. 146.

vida comum depende de como vivemos nossa espiritualidade, pois nossa Consagração é uma escola de espiritualidade e fraternidade. Se a oração quotidiana, a espiritualidade celebrada, a formação acadêmica e congregacional, não levar a atingir uma consistente comunhão fraterna entre iguais e com as superiores, como podemos acreditar que essa comunidade será um testemunho de comunhão para a Igreja local onde vivemos nosso apostolado?

Desde o primeiro momento do ingresso no Instituto percorremos uma inteira estrada formativa marcada pela presença de outras pessoas: colegas, formadoras, irmãs, superiores, e a presença primeiríssima por sua excelência dentre todas, o próprio Jesus. Tanto o caminho de formação inicial, quanto o caminho da formação continuada, serão sempre marcados pela presença de um outro sujeito que nos acompanha. Não se trata de um caminho individual. O primeiro passo para um bom processo comunitário é reconhecer esta verdade e considerar a condição real daquelas que caminham conosco. Quando duas ou mais pessoas começam a caminhar juntas, é natural que demonstrem interesse por se conhecer, e isso em si, já supõe a disponibilidade em fazer-se próximo da outra sem ser invasiva a sua intimidade. Por isso, será necessário criar dentro do espaço comunitário, ocasiões de convívio onde tenhamos a oportunidade de dividir nossa própria história de vida.

A vida comunitária pode ser marcada por um vivo interesse em estar próximas umas das outras, desenvolvendo e fortalecendo os laços de credibilidade e confiança em relação às coirmãs e superiores, proporcionando o espaço para o conhecimento mútuo. Em todo caso, pode ser que entre a boa vontade e a disposição para o mútuo conhecimento e a real capacidade de realizá-lo haja certa distância. Contudo, esta boa disposição deve ser bem aproveitada e cuidada por toda a comunidade, por meio de atitudes de empatia, de transparência no falar, do uso de palavras verdadeiras, ajudando assim cada uma falar de si com maior liberdade e fortalecendo os vínculos com a comunidade.

Os desafios comunitários oferecem o grande risco de sentir-me fracassada como pessoa, porque muitos medos podem acompanhar-me: medo de não ser aceita pelas demais, medo de não conseguir fazer amizades verdadeiras, medo de ter de falar de seus “fantasmas interiores” ou de suas “vergonhas íntimas”, medo de ser traída em sua intimidade vendo suas coisas pessoais sendo ditas em público, medo de não ser admirada em suas capacidades, medo da solidão, etc. De modo colateral a tudo isso, as reações de autodefesa e de excessivo amor próprio podem acontecer, por exemplo, como rebeldia às regras e crítica aos ritmos propostos, desvalorização das outras, boicote a certas iniciativas, proximidade excessiva a uma única coirmã, restrição no convívio por auto exclusão em alguns momentos comuns, isolamento, recusa às iniciativas das outras e fechamentos, que inibem a chegada de novas coirmãs na comunidade. Todos estes são dados naturais que aparecem no início de uma caminhada formativa, entretanto, progressivamente e de maneira gradual devem ser confrontados e superados, procurando não só o entendimento e orientação do ponto de vista humano, mas integrando e entregando cada realidade experimentada na intimidade com Jesus. Afinal, Ele mesmo prometeu dar-nos as graças necessárias para percorrermos o discipulado com Ele (cf. Jo 16,23-24).

É importante que aprendamos a falar de nossos medos e consigamos ser sinceras conosco mesmas diante daquilo que sentimos e que vivemos dentro de nós. Ser capaz de

dizer para si mesma a verdade sobre aquilo que sente e aquilo que pensa é uma condição essencial para ser uma mulher entregue nas mãos de Deus, verdadeira consigo, sem dissimulação ou artifício, para ser forte em princípios e de caráter comprovado. A ajuda mútua é fundamental, e para isso, antes de qualquer coisa, precisamos ser mulheres de oração, que rezam umas pelas outras, pelas fragilidades que percebemos em cada coirmã, colocando cada uma nas mãos da Virgem Santíssima, e invocando o auxílio precioso dos santos protetores de nosso Instituto. Se a oração não sustentar nossa convivência, nossos vínculos fraternos poderão tragicamente estar destinados ao naufrágio ou a aparentar uma boa convivência que em nada testemunha as primeiras comunidades cristãs.

Diante de situações conflituosas, não devemos forçar um diálogo, isso poderá piorar ainda mais a situação. Porém, fazer de conta que não se percebeu que algo não está bem com aquela pessoa e até mesmo com a comunidade, ajuda ainda menos. Em situações deste tipo, uma palavra de esperança ou de conforto é uma porta aberta ao diálogo. A iniciativa pessoal do outro pode ser de grande ajuda, derrotando as insídias da maledicência e da condenação que podem tomar o espaço de nosso coração e ruir sempre mais nossa vida comum. Frequentemente, diante de uma tal iniciativa humana e espiritual, a coirmã poderá buscar ela própria o contato e tomará a iniciativa de buscar as ajudas que necessita. Aqui contará muito a habilidade da superiora e de cada coirmã em saber ouvir e da sensibilidade pessoal na hora de se aproximar daquela que sofre e/ou provoca sofrimentos.

Essas posturas em comunidade poderão ser desenvolvidas e cultivadas com o auxílio da psicologia e da pedagogia, porém, não se pode esquecer que tudo nos vem da graça de Deus, que dará a intuição da proximidade e da palavra acertada aos corações que estiverem abertos à Sua vontade. Por isso, como já dissemos, é importante rezar pela coirmã e por suas necessidades concretas. Por exemplo, uma das necessidades concretas de minha coirmã pode ser justamente essa: ter uma conversa equilibrada com alguém que a ajude a superar o problema que está passando e esse alguém pode ser você, ou então, a necessidade de conseguir conquistar uma maior maturidade a partir das orientações que receberá.

Quando posturas inadequadas ao nosso processo de humanização como consagradas tomam certa “normalidade de conduta”, causando divisões, intrigas, competitividades desmedidas ou mal-estar comunitário, será necessária uma intervenção mais focalizada sobre o problema e sobre a pessoa, no intuito de pôr fim aos problemas criados por aquela pessoa ou aquele grupo. Afinal, a perseverança em certas características prejudicarão não apenas a comunidade, mas também o testemunho de conformação a Cristo que se deve dar ao povo de Deus. Conseguir viver em comunidade é indispensável à uma autêntica Vida Consagrada.

Desde a formação inicial, as jovens devem nutrir o interesse por ajudarem-se umas às outras e por consolidarem uma verdadeira comunidade de vida. Este não é um objetivo secundário, ou seja, que acontece apenas em decorrência do fato de se morar junto. Uma característica do processo formativo que se perpetua na vida consagrada é a total entrega pessoal para se saber conviver com as outras. Jesus chamou para junto de si aqueles que Ele quis para que caminhassem com Ele (cf. Mc 3,13-14). Trata-se de uma escolha que começa com Jesus, mas se mantém e se consolida como escolha pessoal daquelas que foram chamadas para permanecer com Ele.

Cada um dos doze tinha suas características, seu caráter, suas dificuldades pessoais, virtudes e resistências existenciais, entretanto, todos tiveram de tomar a decisão de querer estar junto de Jesus e de ficar ao lado dos outros que também foram chamados por Ele. Não se trata da mesma escolha. São duas escolhas bem distintas, embora uma possa depender da outra, mas necessariamente precisam ser feitas. Ninguém ingressa na Vida Consagrada sem ingressar na vida comunitária e numa etapa de formação comunitária. A convivência comunitária não é um “mal necessário” como falam alguns, porque trata-se de algo essencial para a Consagrada. Em alguns momentos, a formação feita pelo Senhor Jesus aos doze acontecia exatamente a partir do conflito de convivência instaurado entre eles (cf. Mt 20,17-28), ou então, em uma iniciativa pessoal que era admitida por alguém do grupo (cf. Jo 6,5-10). Cristo se revela e nos forma na vivência comunitária.

A decisão de estar juntas completa a decisão de estar com Cristo, ninguém melhor do que o nosso próximo para colocar à prova, a força interior de nossas motivações e a tenacidade de nossos atos de amor a Jesus. Seremos uma verdadeira comunidade se formos capazes de ver na outra a presença de Cristo Jesus, que ora será honrado e amado por uma irmã através de suas escolhas e atitudes, e ora será humilhado e ferido por minha irmã por causa de suas escolhas ruins e distantes do Evangelho. Na maioria dos casos de conflitos comunitários, a rejeição da outra passa por uma dificuldade em acolher a própria realidade. A humanidade de minha coirmã, que tantas vezes me faz sofrer por suas imperfeições, é a minha. Jesus não rejeitou a mim, nem a ela, quando o peso de nossa imperfeição se fez sentir sobre a Sua cruz. Entretanto, de seu ato de amor misericordioso por nós se esperam duas coisas: uma viva contrição por ferir o Senhor e a escolha por oferecer pela minha irmã aquilo que de Cristo recebi. Morar em comunidade dará abundantes ocasiões para que isso seja colocado em prática até se tornar um movimento habitual de viva comunhão, comunhão também com a, e sob a égide da Cruz.

Aprender a superar os apetites instintivos e as tendências pessoais, para preferir permanecer escolhendo e vivendo o Evangelho por amor a Cristo, é o grande sacrifício cotidiano rumo à santidade de vida (cf. Mt 10,37-42). Ademais, seria uma grande vergonha passar por anos a fio de formação sem aprender amar com estabilidade e fortaleza interior aquelas com quem se convive por tantos anos e a quem se conhece melhor do que outros. Se não se consegue amar a quem se conhece bem, o amor proclamado por quem não se conhece e com quem jamais se conviveu soará por certo como falso. “Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8).

***Para refletir, responder e compartilhar:***

1. Quais são as minhas virtudes que mais contribuem para uma vida fraterna santificante? E quais vícios preciso corrigir para que possa colaborar ainda mais com a vida da comunidade?
2. Quais aspectos da vida espiritual, afetiva, psicológica, acadêmica, entre outros, a nível pessoal e comunitário preciso reforçar para que a vida fraterna seja mais qualificada? De que recursos posso dispor para isso?
3. Quais aspectos de minha vida pessoal podem ser melhorados para a qualificação da vida comunitária? Quais podemos melhorar comunitariamente?